

NÃO PAGAMOS A DÍVIDA DELES!

Eles, para citar uma velha canção de outros tempos, são «os que comem tudo e não deixam nada».

Se, numa família, um dos seus membros gasta o orçamento familiar em coisas que não dizem respeito ao interesse colectivo, é desonesto dizer que não há dinheiro para comer. O que houve foi um *desvio* do dinheiro colectivo para coisas que apenas beneficiam quem se serviu dele. Num país acontece exactamente o mesmo.

Há dinheiro que chega para pagar os trabalhadores da administração pública, da saúde pública, do ensino público; para pagar as pensões, a solidariedade social, os serviços públicos de necessidade essencial.

Talvez não haja dinheiro que chegue para os bancos viverem à tripa-forra do crédito internacional e da especulação financeira desvairada. Mas isso é problema *deles*.

Certamente jamais haverá dinheiro que chegue para sustentar os custos da transformação de tarefas públicas e de recursos naturais em monopólio privado ou em parcerias público-privadas. Mas isso é problema *deles*.

Não fomos nós que pedimos emprestado para oferecer à banca, pois não? Não fomos nós que criámos parcerias público-privadas que gastam mais dinheiro a processar o lixo municipal do que aquele que estava previsto nos impostos, pois não?

Então porque havemos de ser nós a pagar os custos desse desvario financeiro? Nós já pagámos o que havia a pagar – com os impostos e com a riqueza do trabalho que produzimos todo os dias. Por isso, nós

NÃO PAGAMOS A DÍVIDA DELES!

NÃO PAGAMOS A DÍVIDA DELES!

Eles, para citar uma velha canção de outros tempos, são «os que comem tudo e não deixam nada».

Se, numa família, um dos seus membros gasta o orçamento familiar em coisas que não dizem respeito ao interesse colectivo, é desonesto dizer que não há dinheiro para comer. O que houve foi um *desvio* do dinheiro colectivo para coisas que apenas beneficiam quem se serviu dele. Num país acontece exactamente o mesmo.

Há dinheiro que chega para pagar os trabalhadores da administração pública, da saúde pública, do ensino público; para pagar as pensões, a solidariedade social, os serviços públicos de necessidade essencial.

Talvez não haja dinheiro que chegue para os bancos viverem à tripa-forra do crédito internacional e da especulação financeira desvairada. Mas isso é problema *deles*.

Certamente jamais haverá dinheiro que chegue para sustentar os custos da transformação de tarefas públicas e de recursos naturais em monopólio privado ou em parcerias público-privadas. Mas isso é problema *deles*.

Não fomos nós que pedimos emprestado para oferecer à banca, pois não? Não fomos nós que criámos parcerias público-privadas que gastam mais dinheiro a processar o lixo municipal do que aquele que estava previsto nos impostos, pois não?

Então porque havemos de ser nós a pagar os custos desse desvario financeiro? Nós já pagámos o que havia a pagar – com os impostos e com a riqueza do trabalho que produzimos todo os dias. Por isso, nós

NÃO PAGAMOS A DÍVIDA DELES!

não
pagamos!

juros exorbitantes

48% da dívida será reembolsada à banca alemã e francesa, que pede emprestado a 2% para emprestar acima de 10% no caso português e grego

parcerias público-privadas

59,6 mil milhões de euros (5400 por português), para fazer aquilo que compete ao Estado, para o qual afinal já pagámos impostos

não
pagamos!

não
pagamos!

4 vezes mais gastos com as Forças Armadas do que com a Cultura

2 submarinos, 240 carros blindados, intervenções armadas em vários cantos do globo

refinanciamento de bancos privados

a dívida tem duas componentes: a pública e a privada; 43% da dívida externa é da responsabilidade dos bancos

não
pagamos!

não
pagamos!

privatizações à vista

para pagar as privatizações impostas pela Troika, bancos e empresas terão de pedir novos financiamentos externos; adivinhe quem irá pagar esses novos empréstimos ainda não anunciados?

Seriam necessárias muitas folhas como esta para listar tudo o que não estamos dispostos a pagar. Não queremos pagar dívidas injustas, ou seja, dívidas que não nos dizem respeito, que não correspondem ao interesse público; dívidas que acarretam uma lista interminável de injustiças sociais; dívidas que criam um tremendo défice de justiça democrática e social.

Quantos sacrifícios, quantos cortes nos salários, nas pensões, nas prestações de solidariedade social, na saúde, no ensino, serão necessários para compreendermos que não devemos pagar a conta *deles*?

Comité Contra o Pagamento da Dívida Pública

não
pagamos!

juros exorbitantes

48% da dívida será reembolsada à banca alemã e francesa, que pede emprestado a 2% para emprestar acima de 10% no caso português e grego

parcerias público-privadas

59,6 mil milhões de euros (5400 por português), para fazer aquilo que compete ao Estado, para o qual afinal já pagámos impostos

não
pagamos!

não
pagamos!

4 vezes mais gastos com as Forças Armadas do que com a Cultura

2 submarinos, 240 carros blindados, intervenções armadas em vários cantos do globo

refinanciamento de bancos privados

a dívida tem duas componentes: a pública e a privada; 43% da dívida externa é da responsabilidade dos bancos

não
pagamos!

não
pagamos!

privatizações à vista

para pagar as privatizações impostas pela Troika, bancos e empresas terão de pedir novos financiamentos externos; adivinhe quem irá pagar esses novos empréstimos ainda não anunciados?

Seriam necessárias muitas folhas como esta para listar tudo o que não estamos dispostos a pagar. Não queremos pagar dívidas injustas, ou seja, dívidas que não nos dizem respeito, que não correspondem ao interesse público; dívidas que acarretam uma lista interminável de injustiças sociais; dívidas que criam um tremendo défice de justiça democrática e social.

Quantos sacrifícios, quantos cortes nos salários, nas pensões, nas prestações de solidariedade social, na saúde, no ensino, serão necessários para compreendermos que não devemos pagar a conta *deles*?

Comité Contra o Pagamento da Dívida Pública